regresso á casa paterna aonde não entrava ha muitos annos, 5 diz elle, o seu reatamento de relações com V. Ex.ª e tendo ficado como enfermeiro da doente, o reatamento das relações com a d'antes namorada, que com frequencia visitava a tia enferma, relações pouco naturaes. Depois, continuando sempre, descreve a sua nova ida para Coimbra aonde ia completar a sua formatura e como n'essa cidade recebe duas cartas em que lhe era annunciada a gravidez, consequencia natural das mesmas relações, e continuando, expõe os seus alarmes, a carta que escreveu ao sogro pedindo-lhe a mão da filha, até me dizer as razões porque casou.

«Eu havia calado o segredo d'ella. Ninguem sabia! Era a sua liquidação ou sua rehabilitação. E ia ser mãe d'um filho meu.»

Nessa altura elle perdoou tudo, tudo esqueceu. São delle tambem estas palavras: «a sua maternidade santificou para mim o seu ventre maculado, e eu perdoei e eu esqueci!»

O seu casamento realisou-se em novembro, o nascimento do seu pequeno filho, deu-se em março. Como se verifica decorrem apenas 4 meses ou o maximo 5. A gravidez pelo menos era absolutamente certa!

Relata depois a volta á roda do redil, do amante. A forma como elle desconfiou, a paciencia com que foi colhendo factos, razões, pequenos nadas até conseguir reunir os precisos elementos para arrancar a confissão clara e terminante de tudo quanto se deu. Quando nasceu o primeiro filho elle já tinha esses elementos reunidos mas «nunca a minha bocca se abriu para justificar perante quem quer que fosse a minha passada ruptura, e nunca mais voltei a fallar a minha mulher em tal assumpto». E accrescenta: «Ella foi victima da infamia de um bandido e da cupidez gananciosa de uma creada. Foi violada nas

vesperas de fazer 18 annos, quando nos casámos tinha 24.» Isto é, o meu desgraçado amigo, sofreu, sofreu, até que não poude mais. Elle notava a tortura moral que arruinava o organismo da esposa. «O seu nervosismo, os seus excessos de carinho para o meu filho, as suas lagrimas silenciosas, que me procurava occultar.» A «minha alma debatia-se n'uma tortura horrivel». Mas havia «eu e elle».

«Comprehende o meu interesse em procurar fazer acreditar a minha mulher que ha processos *occultos* de descobrir tudo?»

Depois... depois, veiu a confissão clara, plena, terminante. A realidade era palpavel! Já não havia nada que a encobrisse porque a confissão tinha posto a nú até os mais reconditos segredos.

E ainda depois d'essa confissão, depois da esposa lhe dizer *tudo,* elle ainda escreve: «e eu perdoei!» Ainda na sua bocca volta a palavra perdão. D'essa confissão resultou o que era natural: a combinação precisa para se effectuar o divorcio, no que houve perfeito accordo. Só duas condições lhe impoz: a declaração *escripta* («Não tem effeitos legaes, mas pode vir a tel-os e tem valor moral»), de que o segundo filho d'ella não é filho d'elle, e a vida do amante.

«Para isso, ella procuraria obter as cartas d'ella, e depois marcava-lhe uma entrevista lá em baixo na quinta. Eu faria constar pela imprensa a minha sahida de Lisboa, surprehendia-os e matava-o. «Matava-o!» Parece-me que a justiça era só por este caminho que devia enveredar. A esposa assim o entendia porque lhe respondeu:

«Meu Alberto, eu não tive coragem, eu procedi muito mal, mas amo-te, eu amei-te sempre. Mata-o, meu Alberto, eu tenho-lhe raiva. Eu tinha medo d'elle e de ti!»

Foi sempre a alma cheia de nobreza, a alma amoravel de seu filho a perdoar, a perdoar sempre! E' aquella grande intelligencia a medir todos os passos e a comprehender até onde elles teem razão de culpa e até onde merecem o perdão! Depois chegou o momento de dar cumprimento ao que estava mutuamente combinado. Foi então, na manhã seguinte á scena acima descripta, que a esposa alucinada pegou no filho «e fugiu do quarto em camisa de dormir, gritando, emquanto elle tranquillamente ficava». Isto passou-se em casa do sogro, no primeiro andar, onde estavam passando uns dias. Pouco depois, os sogros irrompem pelo quarto dentro. A sogra vociferava empregando alguns termos «do seu vocabulario de peixeira», que não preciso repetir, o sogro, mais sereno, dizia apenas que estava doido e que precisava Rilhafoles. E d'este dito ao feito, a distancia foi curta, porque estas scenas passadas deram-lhe apenas a folga de uns dias e na terça-feira 8 de agosto era preso e internado no Telhal.

Depois, V. Ex.ª hade permittir que eu lhe diga, seu filho dá largas á magua imensa que lhe provoca a attitude de V. Ex.ª para elle! E eu extranho-a, eu que tenho tido um pae que em todos os actos da minha vida me tem servido de amigo, de inseparavel bordão, extranho-a. A scena passada com o outro irmão, a mesma prisão, o mesmo acompanhamento de policia, não um internamento no Telhal, mas um internamento em casa, aonde elle jurára não voltar. Seguidamente a falta da energia que ainda não abandonou felizmente o Dr. e consequentemente o seu suicidio. Isto é horrivel, Sr. Padinha Dias! Deixe-me dizer-lho n'um desabafo. E é horrivel porque tudo indicava que se fizesse luz n'um caso d'estes, um caso que interessa apenas ao fôro intimo de seu filho, do seu illustre filho, d'esse coração magnanimo, d'essa alma nobillissima, d'esse coração que cada dia que corre abre no meu um logar maior em estima, *em*

dedicadissima estima. E tudo eu lhe darei para livral-o de uma tortura assim. Tudo!

Seguidamente seu filho descreve-me o que representa de cobardia o seu internamento no Telhal e a fórma como elle foi effectuado, a maneira apertada como o recommendaram, prohibindo-lhe o mais pequeno contacto fôsse com quem fôsse, mas permittindo que o cunhado, Hermano Neves, lá fôsse para arrancar-lhe uma procuração afim de cá fóra se poder fazer tudo, como se elle tivesse morrido.

Por fim conta-me a scena passada com o Dr. Julio de Mattos, e em que este medico, abusando da sua situação, se permittiu dirigir-lhe insultos, elle a quem falta a auctoridade moral para certas interrogações. Seu filho, tratado com menosprezo, fez o que eu faria em egualdade de casos. Avisou-o que á primeira vez que se lhe dirigisse com a petulancia de então, lhe rogava que o mandasse prender primeiro com colete de forças porque não estava disposto a consentil-o. E d'esta scena, de que um homem de brios tira conclusões logicas, tirou o Dr. Julio de Mattos as precisas para mandar uma carta para o Porto em que affirma —foi V. Ex.ª que m'o disse— que elle é um doido perigoso, com a mania da perseguição, vendo o que os outros não vêem, ouvindo o que elles não ouvem, vendo sobretudo nos medicos os seus perseguidores! Sangrou-se em saude, é o termo. E a tudo isto accresce que o doente póde, em qualquer altura, «matar **seja quem fôr**, porque está em condições de o fazer *pelo extraordinario grau da sua doença*».

E acredita V. Ex.ª que um doente assim possa ser diagnosticado em pouquissimo tempo?

E admitte V. Ex.ª que um doente assim possa levar um criado ao hospital, que com elle vive, que tem convivido com outros doentes, a deixar-se arrastar, sabendo que trazia para a rua um louco?

Não creia em tal! Seu filho tem a plena consciencia do

que faz e tanto assim é que elle não pensou nunca em matar alguem. Posso affirmar-lho, excepção apenas do individuo cujo nome escuso de revelar. Esse sim. Esse mesmo, a nobreza de seu filho vae até ao ponto de, na impossibilidade de se occultar o que se passou, se querer bater com elle no campo da honra, para que a egualdade de ataque ou defesa possa solucionar um caso que se teria resolvido com duas balas dadas a tempo. Toda a sua amargura se resente n'esta carta quando elle dedica duas ou três linhas ao facto da esposa **nunca** lhe escrever!

E é um homem assim, é um coração d'estes, é uma intelligencia lucidissima como esta, encarcerada, não se lhe dando os meios precisos para desaffrontar a sua honra, negando-se-lhe a liberdade que todos temos o direito de gosar!

Senhor Padinha Dias. Tenho por V. Ex.ª a maior consideração, mas tenho por seu filho a mais alta amisade. Considero-o hoje como meu irmão. Não sei, á hora a que lhe escrevo, aonde elle está, apesar de, imbecilmente, o administrador do concelho do Porto ter telegraphado a minha morada como ponto do seu refugio. Não sei, mas espero sabel-o déntro de pouco tempo. Tenho amigos dedicados e a elles recorrerei para que se faça luz clara n'este tenebroso caso. Seu filho póde encostar-se ao meu braço com a maior afoitesa. Juro-lh'o pela alma d'úm que me morreu e que ainda hoje choro. Seu filho terá, emquanto eu puder, em mim o seu maior defensor. Nada me habilita a duvidar das palavras que elle me escreve, porque as reveste de pequenos nadas que jogam com informações, ou direi, com outros pequenos nadas que já em tempo conhecêra, mas de que não soubera alcançar a significação. Se ámanhã eu souber aonde elle esteja, não o denunciarei á policia, porque reputo vilissimo o papel da mesma prendendo-o e não serei eu que use egual vilania. Não sei aonde elle está. No

final da sua carta dizia-me apenas que aguardasse os acontecimentos que iam por estes dias dar-se. Estes acontecimentos são os que os telegrammas de hoje me fizeram conhecer.

Póde V. Ex.ª ter a certeza que seu filho é incapaz de praticar o mais pequeno acto que o deslustre e V. Ex.ª póde orgulhar-se de ter um descendente que reune tantos predicados que o impõem á estima de todos com quem elle convive. Pedi-lhe que suspendesse os mandados de captura. Volto a pedir-lh'o!

Eu, que tenho o melhor dos paes; eu, que sempre encontrei no meu o mais carinhoso arrimo; eu, que só sei dizer do meu o melhor, espero que V. Ex.ª estanque, por um momento, qualquer fel que o inunde ou toque, e procure remediar o grande mal praticado. Garanto a V. Ex.ª, pela minha honra, que seu filho é incapaz de praticar qualquer acto que não seja baseado n'uma inquebrantavel energia e virtude.

Posso quasi garantir que seu filho deve ter estudado bem o plano de evasão para não vir metter-se na bocca do lobo, aqui em Lisboa, ou pelo menos em minha casa, onde, pelas relações amistosas que nos unem, seria logo procurado. O tempo me ha de mostrar mais uma vez que a sua intelligencia ha de sempre triumphar e agora mais uma vez. Só não triumpha se traiçoeiros golpes o prostrarem. E contra esses não ha ninguem que reaja.

Sou de V. Ex.ª com a maior consideração

ALVARO NETTO.

E PELO SEU AMIGO ALVARO NETTO TEVE TAMBEM CONHECIMENTO DA ATTITUDE DE SEU PAE, QUE INSULTOU AQUELLE SEU AMIGO, COMO CONSTA DA CARTA POR ELLE ENVIADA A UM CUNHADO DO DR. DA CUNHA DIAS, NÃO QUERENDO ADMITTIR, IRRITADAMENTE, SEQUER A **POSSIBILIDADE** DO FILHO ESTAR EM PERFEITO ESTADO DE LUCIDEZ.

Carta de Alvaro Netto em seguida a haver recebido insultos do pae do Dr. Da Cunha Dias, ao cunhado d'este, Hermano Neves, cumplice no sequestro.

Ex.mo Sr. Hermano Neves

Assistiu agora V. Ex.ª a toda a violenta scena passada no escriptorio da firma de que faço parte e que lamento por um lado, embora folgue com ella por outro porque se extremaram os campos. Como V. Ex.ª impassivel assistiu e como depois d'ella não posso voltar a dirigir-me ao Sr. Padinha Dias, resolvo escrever a V. Ex.ª porque a isso sou forçado. Justifico por isso seguidamente as razões.

A todos os meus passos podem dar a razão que o pae do desgraçado lhe atribuiu, mas tiveram uma virtude nobilissima que não fujo a dizel-a porque a modestia permitte-se quando e até onde possa não ferir a nossa dignidade, a de mostrar que elle na sua enorme infelicidade, repudiado pela propria familia, perseguido como se fosse uma féra, sobrecarregado nos hospitaes com indicações para ser vigiado como doido perigoso, teve a seu lado, e tem, alguem que o estima sem o mais pequeno interesse, antes com prejuizo, mas sem olhar para tal prejuizo.

Deploro que a perseguição tenha um caracter tão violento que levasse o proprio pae ao que acaba de dar-se. Serei eu só a arcar com toda a vilania do acto praticado, dando-lhe o termo que me foi dado.

A minha pequenez será vencida, mas a razão não o é! E não bastam as palavras de ha pouco para classificar o meu proceder, porque este tem um passado que destroe uma a uma as affirmações feitas. Sinto-me satisfeito por o sangue frio não me ter abandonado, pois teria agorá que juntar ás lamentações que me fazem soffrer, as que seriam produzidas por um acto violento, embora justificado, da minha parte, como desforço ás offensas que recebi.

Mas soube no momento proprio, sem o parecer talvez, pesar bem o que seria desastroso se me não contivesse e como ficaria maguado por levantar a luva que me atiravam com impeto, batendo com ella no pae de um homem a quem mais uma vez presto o caloroso applauso e apoio da minha efectividade.

Ouvi-o, porque a scena se deu no escriptorio de uma casa de que apenas sou socio. Em minha casa, sem esquecer os deveres da hospitalidade, teria S. Ex.ª de moderar as expressões um pouco fortes, para quem, não espera herdar bens ou colher beneficios.

E até mesmo n'aquillo que apparentemente se lhe pode reconhecer razão do que me foi dito, devo esclarecer V. Ex.ª que se eu não guardasse o segredo que me foi pedido, seria conivente na perseguição feita e de nada valeria um homem honrado apelar para a minha dignidade, que me prézo de possuir, manter e legar aos que me pertencem.

Sem outro motivo sou

De V. Ex.ª Att.º Ven.dor

Alvaro Netto.

E, ENTÃO, DECIDIDO A NÃO MAIS SE SACRIFICAR A PRINCIPIOS QUE SÓ A ELE OBRIGAM E A PESSOAS QUE O NÃO MERECEM, ESCREVEU A SEU PAE UMA JUSTA, VIOLENTA E JUSTIFICADA CARTA.

3.ª carta do Dr. Da Cunha Dias a seu pae.

Para o Ex.mo Sr. Antonio Padinha Dias

Noticias de origem segura informam-me que a perseguição vae continuar mais intensa. Ainda bem.

Podia no meu espirito haver uma hesitação, não a terei!

Na minha consciencia talvez houvesse um escrupulo, não o terei! Ainda bem!

Trinta annos de silencio, bastam. Eu vou fallar.

Porém, definindo bem os campos, antes de começar, fique isto assente! — Eu não tenho pae.

Eu não tenho pae!

O miseravel que da vida de minha mãe fez um doloroso Calvario, não é meu pae!

O bandido que sem piedade me vexou e maltratou na cobarde impunidade da minha impotencia de creança, não é meu pae!

O assassino de meu irmão, não é meu pae!

Supunha-o moralmente bem formado e defendi-o, emquanto sua propria (1) irmã o accusava, porque me condoeu a sua situação. Reconheço o meu erro! Que me perdoe a alma do José.

---

(1) A irmã do pae, Ex.ma Sr.a D. Anna Padinha Dias, actualmente residente em Tavira.

O assassino de meu irmão, não é meu pae!

O bandido que cinicamente pretendeu atirar-me para a ignominia e para a loucura, não é meu pae!

O miseravel que não attende a minha suplica anciosa quando no Telhal me queriam infamar, não é meu pae!

Eu não tenho pae!

O pulha que insulta os meus amigos porque lhe pedem os escute, não é meu pae!

Eu não tenho pae!

Não é meu pae quem sacrifica ás exigencias de uma amante o enxoval de minha Irmã!

Um pulha, um miseravel, um cinico assassino de um filho, não póde ser meu pae!

Eu não tenho pae! Fica isto assente!

DIA CUNHA DIAS.

Nazareth — 12-X-916.

E, ENTÃO, COMO A PERSEGUIÇÃO NÃO CESSAVA, E A SUA SITUAÇÃO DE FORAGIDO ERA INSUSTENTAVEL, DECIDIU, PELO QUE FICA EXPOSTO E PELO MAIS, QUE DIZ N'UMA CARTA A SUA MÃE, QUE SE TRANSCREVE A SEGUIR, ENTREGAR O ASSUMPTO AOS TRIBUNAES.

Carta do Dr. Da Cunha Dias a sua mãe D. Margarida da Cunha Dias.

Minha mãe

Perdôa mas vou ataca-lo. Não ha outro recurso, outra solução. Eu vou ataca-lo!

Ha 60 dias que fui internado n'um manicomio e que espero.

Fez-me soffrer o ultimo dos enxovalhos, quem por sua propria dignidade me devia defender.

Teem os filhos obrigações para com os paes, teem os paes deveres para com os filhos. Elle nunca cumpriu os seus deveres de pae, e eu, entre elle e o meu pequenino, opto pelo meu filho. Esperei em vão que n'um brado de consciencia o levasse a transigir. Debalde, em vão! O medo arrasta-o ás ultimas violencias e eu não posso mais!

Tenho errado de terra em terra, perseguido como um bandido, eu que nunca fiz o mal pelo mal, e que tenho feito tanto bem! E são trint'annos de silencio!

E não ficará pedra sobre pedra...

Tudo tem limites, tudo! Perdôa!

Em attenção a ti, á amargurada dôr do teu viver!

Por ti sómente, e pelas lagrimas dos teus olhos chorando o meu irmão!

Por ti, pelos teus carinhos, pela tua ternura, pelo meu pequenino Nuno, pelo soffrimento resignado da tua vida de todos os dias, eu calei sempre!

E abusando da nobresa do meu silencio, elle accusava-me e lamentava-se! E são trint'annos de nobre e silencioso soffrer!

A vida que tu me deste, porque ma deste, é minha! E hei de livremente vive-la!

Eu tenho direito á vida! O meu filho tem direito á vida!

Não posso mais! Não herdei de ti o teu santo e resignado soffrer!

Vou defender-me! Perdôa, minha mãe!

Beija as tuas santas mãos o

Teu filho

ALBERTO.

Batalha, 21-X-1916.

Ultima carta

ULTIMA CARTA

Carta do Dr. da Cunha Dias a sua mulher D. Irene Moreira Rato da Cunha.

Irene

Dorme tranquilla, se podes!

Depois de um dia de emoções, entre a vida e a loucura, a liberdade e o manicomio, eu durmo o calmo e profundo somno dos que não temem!

Dorme tranquilla, se podes!

Disse-te e faço sempre — tu o sabes — tudo o que uma vez disse!

Disse-te e não é preciso repeti-lo.

Para teu escarneo poupo-te a vida! Poupo-te a vida para que amanhã quando passares todos digam — E' ella! Para que se segrede quando tu passas — Foi ella!

Dorme tranquilla, poupo-te a vida!

Disse-o e faço-o!

A differença, entre outras, que nos separa a mim e a elle, — Eu e elle, quanto isto me arrepia! — é que eu faço o que digo, e elle só faz... o que pode fazer.

Eu e elle! Quanto isto me arrepia! Porque eu sou Eu e elle é ninguem!

Em casa de teus paes os policias guardam-te! Apartam-te e defendem-te, não d'elle que te levou a deshonra, mas de mim que na hora angustiosa da tua prenhez te enlacei no meu braço e te ergui!

E policias, e vigilancias são inuteis, que eu disse-o — Poupo-te a vida!

Eu disse-o e tu receias...

Sou a sombra viva d'um remorso que hade pesar na tua consciencia e que de longe, errante, de terra em terra em busca de liberdade, leva a incerteza aos dias da tua vida, e ao teu somno, que foi tranquillo na tua infancia, o remorso da tua baixesa.

Porque eu perdoei a tua queda! Tu foste victima de uma infamia!

Mas não posso perdoar — Tu sabes bem que nunca me illudiste! — essa tua ancia em evitar o escandalo, que se soubesse, em salvar aparencias, cedendo, prostituindo-te, emporcalhando o nome do meu Filho.

Não te perdôo!

E quando amanhã na balança de Deus um prato ceder vergado á miseria da tua vida, ao sofrimento vergonhoso da tua escravidão, á incerteza angustiosa d'esse teu viver, hirto, rigido, contrahido, no outro prato fará vergar e ceder a balança o braço que te ergueu.

Dorme tranquilla o teu somno, se podes!

Eu nunca te fiz mal!

E são tranquillos e são profundos os meus somnos.

ALBERTO.

Batalha — 21-X-1916.

EM QUE ALVARO NETTO FAZ AO LEITOR UMA PERGUNTA —PORQUÊ?

Lisboa, 27 de Outubro de 1916.

Ao Dr. Henrique Pereira Ribeiro

Perdôe-me collaborar, mas não ha um momento a perder.

São nove e meia da noite, e amanhã ás oito e meia da manhã, no rapido do Porto, o nosso amigo voltará para o seu captiveiro (1). Sou commerciante. O tempo é dinheiro!

Desculpe o atrevimento ao amigo do Da Cunha Dias e seu amigo tambem

ALVARO NETTO.

Leiria, 31 de Outubro, 1916.

Meu caro Alvaro Netto

Accuso recebidas as suas cartas de 27 e 28 e o telegramma.

Agradeço a collaboração que além de todas as outras razões que se deveriam adduzir, é util porque não convem demorar a publicação.

Não se preoccupe com o mais. Isso fica por minha conta.

Peço-lhe continue telegraphando sempre que haja qualquer novidade.

Um abraço ao Da Cunha Dias, se ainda fôr a tempo

Seu

H. RIBEIRO.

---

(1) Felizmente foi rebate falso, mais uma vez o Da Cunha Dias se salvou. Os seus amigos succumbiram. Eu mesmo succumbi, ao lembrar a enfermaria, a cella... Graças á sua energia conseguiu salvar-se. Se elle está *louco!*

PORQUÊ?

Porquê? Porque pretendeu o pae sequestrar para toda a vida o Filho?

Porque pretendeu o pae, solicitando dos medicos o mais rigoroso sequestro, enlouquecer o Filho?

Porque, attribuindo calumniosamente ao Filho a intenção de matar seis pessoas, se collocava no numero das seis?

—«É a minha propria vida, é a vida de seis pessoas que corre grave risco.»

Disse-mo a mim, Alvaro Netto. Disse-o no Porto a Antonio M. Ribeiro, Largo S. Domingos, 85; a Rodrigues & Irmão, Rua José Falcão, 66.

Disse-o ao Dr. Abel da Motta Veiga. (1)

Disse-o a toda a gente e fez as pessoas a seu soldo na campanha de difamação contra o Filho divulgal-o por Lisboa inteira.

Mas porquê?

Porque entre um filho e uma nora um pae sacrifica aquelle a esta?

Porque, á viva força, como um dogma pretende impôr a toda a gente a *honestidade d'ella?*

Pois não era natural, que o sogro, o pae d'ella, se interessasse mais do que o pae do Da Cunha Dias?

Porque não apparece o sogro e este se afasta, e só rancoroso apparece o pae d'elle?!

---

(1) Advogado, Rua do Crucifixo, 50, 1.º, Lisboa.

Porque attribuindo ao Filho a intenção de fazer seis mortes, se collocava entre as possiveis victimas?

Se o Dr. Adolpho Coutinho, Juiz de Investigação Criminal, pudesse falar!

Se o Dr. Clemente Gomes, adjunto do Juiz de Investigação Criminal, pudesse falar!

Mas ha mais quem conheça a *infame baixeza, a vilania sem nome.*

Sei-o eu tambem!

Sabe-o o engenheiro Coelho de Jesus, sabem-no os Drs. Nobre de Mello, José Montez, Rita Martins, sabe-o o sr. Augusto Ferreira Gomes. (1)

Sabem-no porque eu lho disse.

E ha mais quem o saiba!

Sabe-o o Dr. Da Cunha Dias. Elle já o sabia, mas se o não soubesse fical-o-hia sabendo porque eu tambem lho disse.

E que disse eu, Leitor, ao Dr. Da Cunha Dias que elle já sabia?

Leitor, porquê?

ALVARO NETTO.

---

(1) Moradas: Geraldo Coelho de Jesus, engenheiro director da Fabrica metalurgica do Lumiar, Avenida das Linhas de Torres, 44 a 46; Martinho Nobre de Mello, Professor de Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e advogado, R. Augusta, 124, 2.º; José Montez, advogado, R. do Crucifixo, 137, 2.º; Dr. Antonio Rita Martins, Assistente da Cadeira da Academia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Augusto Ferreira Gomes, comerciante, R. dos Correeiros, 15, 2.º

ELLE JÁ SABIA...

Trecho de uma carta do Dr. Da Cunha Dias que me foi enviada do H. Conde Ferreira em 12-IX-1916.

«...e, salvas as proporções, faço minhas as palavras de Bonaparte: — *Je suis un ancêtre!*

Diga-me, Alvaro amigo, fazia a seu filho o que meu pae me está fazendo, e o que fez e lhe disse, *e o que eu ainda não disse e é muito mais?!*

E eu tenho medo! Pela primeira vez na minha vida eu tenho medo, um medo vertigem ao debruçar-me sobre o abysmo profundo da sua alma!

Quem enviou para o Telhal uns massos de cigarros da minha marca preferida?

Fumei um! Depois de cada um dos massos fui tirando em dias successivos um unico cigarro de que sorvia uma meia duzia de fumaças, devagar.

Quem teria enviado, *amavel,* aquelles cigarros para o Telhal!

E eu tenho medo. Não d'elle! mas de, seguindo a recta das minhas deduções, os meus raciocinios ligando factos, aclarando pequenos nadas até ha pouco sem sentido para mim, medir — e elle é meu pae! — a profundesa lodosa da su'alma.»

* * *

Quando recebi a carta não lhe dei a devida importancia. Só depois ao lêr a seguinte e eu lho disse, verifiquei que elle tambem sabia.

SABE-O O DR. DA CUNHA DIAS

Carta do Dr. Da Cunha Dias ao Dr. Adolpho Coutinho, M.mo Juiz Director da Policia de Investigação Criminal (1)

Ex.mo Sr.

Levado por escrupulos de ordem intima tenho hesitado em tomar a deliberação que ha dias tomei: Entregar o caso do meu infame sequestro aos tribunaes.

A V. Ex.a pois, para que me não seja tolhido o meu direito a uma ampla e legitima defeza, envio não palavras, mas documentos. Tenho em meu poder 14 attestados medicos, mas não consegui a tempo publicas-formas. Envio hoje duas, ainda esta semana enviarei as mais. E, depois, mais ainda!

Como commentario, simplesmente peço a V. Ex.a que faça uma pergunta:

Se nem todos os que requerem um divorcio o obteem, se eu não tenho razão, porque me sequestram?

Para evitar um escandalo? Não o deram maior!

Para evitar uma separação de facto? Não existe assim!

Para que então?

---

(1) Esta carta foi escripta em 22 em minha casa a seguir ao almoço, para ser entregue no dia seguinte.

O Dr. Da Cunha Dias previa a hypothese de ter que abandonar Lisboa e não a de ser preso antes de quinta, 25.

A sua previsão não falhou porque não fugiu por não querer, antes da sua conducção ao Governo Civil.

Porque não fugiste? — «Para dicidir!» Estou cançado de correrias d'automovel!

Ha uma causa occulta, uma razão infame, um motivo de uma repugnante baixesa que, a dentro dos meus preceitos moraes, não formularei.

Espero que amanhã, aclaradas as coisas, os outros o digam.

E isso será bastante!

Respeitosamente se subscreve

De V. Ex.ª M.to At.to Ven.dor e Obg.do o

Da Cunha Dias.

22-X-1916.

VIRTUTEM EX ME. FORTUNAM EX ALIIS.

POST-SCRIPTUM EM QUE SE NARRA DA PRISÃO, DEPOIS DA SUA IDA PARA LISBÔA, DO DR. DA CUNHA DIAS, E DO MAIS QUE LHE SUCCEDEU.

POST-SCRIPTUM

Já o volume a que estas palavras vão acrescer estava a imprimir, quando de Lisboa uma carta do Alvaro Netto me informou dos factos passados em seguida á prisão em Lisboa do Da Cunha Dias.

A sua audacia perdeu-o.

Chegou a Lisboa no sabbado 21 do corrente. No domingo á noite foi tomar café á *Brasileira* do Rocio, á mesma mesa onde estivera no dia da sua prisão.

Foi um assombro!

No dia seguinte um enfermeiro do Hospital de Rilhafoles a soldo dos seus perseguidores denunciava-o e era preso quando sahia de um engraxador na Praça dos Restauradores.

Conseguiu convencer os policias a ir a um telephone, estabeleceu communicação com o Alvaro Netto e acompanhado por este foi para o Governo Civil.

Ao Dr. Clemente Gomes, adjunto do Juiz de investigação criminal, apresentou os seus protestos e os dois attestados medicos que em publica-fórma trazia, do Delegado de Saude do districto de Leiria (1), e do Sub-delegado de Saude da mesma cidade (2).

Alguem lembrou afim de se suspenderem os effeitos do mandado de captura do Governo Civil do Porto uma con-

---

(1) O Visconde da Barreira, Dr. João Carlos Marques da Silva Costa Guerra.

(2) O Dr. Antonio Julio Telles Sampaio Rio.

ferencia com o Ministro do Interior. O Dr. Clemente Gomes concedeu e, acompanhado dos seus amigos e de um policia, o Da Cunha Dias seguiu a caminho do Ministerio do Interior.

O Ministro do Interior, Sr. Mousinho de Albuquerque, concedeu ao Da Cunha Dias demora com ampla liberdade de communicações até quinta-feira, 25.

No dia seguinte o sr. Padinha Dias solícito, madrugador, procurava o Coronel Mousinho d'Albuquerque, fazendo-se acompanhar de sua esposa.

O Coronel M. d'Albuquerque disse-lhe: «Como ministro acredito na loucura de seu filho, como particular acredito na sua lucidez.»

E o sr. Padinha Dias pela primeira vez, n'este caso, teve occasião de verificar que é difficil, sem sequestro absoluto, a pratica da hipocrisia.

Depois... nem o quero narrar!

Depois o Da Cunha Dias viu sua mãe e então lhe disse o que se havia passado. O sr. Padinha estava presente e, hypocrita, pretendeu abraçar o filho.

«E eu lembrei, diz o Da Cunha Dias, o mesmo sobretudo negro, o mesmo ar compungido, a mesma attitude contricta, e aquellas manhãs em que elle ia atravessando Sintra,—Elle, o assassino!—levar flores ao tumulo de meu irmão!»

O que se passou, as phrases rapidas trocadas entre pae e filho foram as precisas para que os presentes, Dr. Adolpho Coutinho, M.mo Juiz de Investigação Criminal, Dr. Clemente Gomes, seu adjunto, e Dr. Balbino do Rego, medico director do posto antropometrico do Governo Civil, avaliassem do moral d'um e d'outro.

Nem um só dos policias que o guardava teve uma duvida sobre o seu estado mental.

O Da Cunha Dias commentava:

—«Quando amanhã fôr dictador (1) de Portugal hei de obrigar os medicos neurologistas a servir, antes de exercer clinica, dois annos na policia... a vêr se ficam mais intelligentes!»

—«Vou-me propor a deputado pela policia!» Dizia elle tambem!

Ninguem, nem uma pessoa das que com elle privou durante este seu encarceramento de dez dias, deixou de admirar a sua serenidade, e a sua ironia pairando acima da situação.

O Da Cunha Dias consultou dois neurologistas de Lisboa, ainda novos. «Não teem compromissos!» — dizia elle.

Os medicos vieram a varias entrevistas e um dia sumiram-se. Haviam sido procurados pelo tal ajudante do Julio de Mattos, Polido Valente. Hesitavam. Depois da ultima entrevista o Da Cunha Dias prevendo que elles não voltariam, explicava: (2)

«Na natureza domina o contraste, a oposição. Obrigaram os dentistas a serem medicos e os medicos ficaram, quasi todos, dentistas...»

Só quando sua mãe o procurava elle se irritava. «Eu não lhe posso dizer tudo, e a sua ingenuidade e a sua confiança n'elle, esmagam-me e irritam-me.»

É que o sr. Padinha Dias, vendo o terreno falhar-lhe, começou de requerer ao Juiz director da Policia de Investigação Criminal que, como o requerente sabia, carecia de competencia para conhecer do assumpto, um exame medico (3) a seu Filho (que possue attestados comprovando o seu equilibrio e superioridade mental e moral); depois a

---

(1) Oh Mattos, oh Cebolinhas, oh tu Polido! — Deve ser *megalomania!* o da Cunha Dias deve ser *megalomano*. Esqueceu-lhes este padecimento!

(2) Os dois pretensos neurologistas são os Drs. Antonio Flôres e Manuel de Vasconcellos.

(3) Vae reproduzido adiante, em gravura.

enviar telegrammas para o Porto pedindo a liberdade do Filho, quando sabia muito bem que só um requerimento feito nos termos legaes, por elle, o podia libertar.

Por fim, a imposição da Mãe do Da Cunha Dias, envia um requerimento redigido nos termos seguintes:

Ex.mo Sr. Director do Hospital Conde Ferreira

Antonio Francisco Padinha Dias, casado, escrivão-notario, morador em Sintra, tendo nos termos do n.º 3.º do artigo 33 do decreto de 11 de maio de 1911, requerido o internamento no Hospital Conde Ferreira, de seu filho, Dr. Alberto Cunha Dias, casado, advogado e residente em Sintra, requer agora ao abrigo da disposição do artigo 41 do citado decreto:

1.º — A sahida de seu filho Dr. Alberto da Cunha Dias, do referido Hospital do Conde Ferreira (junta em publica forma dois attestados medicos comprovando a sua saude e equilibrio mental e moral).

2.º — Que seja restituido á liberdade, suspendendo-se os effeitos dos mandados de captura emanados do Governo Civil do Porto.

Sintra, 29 de outubro de 1916.

(a) Antonio Francisco Padinha Dias.

Publicamol-o para que os leitores notem bem a precisão com que está redigido. Foi o «louco» que, perante sua Mãe, Drs. Adolpho Coutinho e Clemente Gomes, e Alvaro Netto, o redigiu.

Emquanto por um lado escrevia os telegrammas, o sr. Padinha Dias enviava, a occultas da pobre Mãe, uma

carta a um tal Peres d'Abreu, recebedor no Porto, dizendo que como sua mulher estava gravemente enferma, enviava os requerimentos pedindo a sahida do Filho do Hospital Conde Ferreira, mas que o estado d'elle continuava sendo alarmante, etc.

Para que mais?

A lucta entre um e outro, entre um patife e um homem de honra, entre uma pessoa para quem todos os meios são bons e outra que só escolhe os legitimos, um em plena liberdade, o outro preso, levou dez dias.

Um telegramma de Lisboa diz-me que hoje, ás 8,3o da manhã, deve seguir o caminho do manicomio o meu amigo.

A' angustiada mãe, o patife dirá que foram as «auctoridades clinicas».

Foram 10 dias de lucta, durante os quaes os Drs. Adolpho Coutinho e Clemente Gomes recebiam o louco com amavel deferencia nos seus gabinetes. Na sala de espera que separa os dois gabinetes recebia o Da Cunha Dias as suas visitas, e uma tarde ficaram sós o Da Cunha Dias e o Alvaro Netto.

Mas os Drs. Adolpho Coutinho e Clemente Gomes sabiam bem que o *louco*, o *perigoso*, o *perseguido* que quer matar seis pessoas, e que elles conheciam ha dias, era incapaz de fugir n'uma situação d'aquellas, praticando um abuso de confiança.

Porque o Da Cunha Dias é assim!

Entretanto por Lisboa, medicos a soldo da familia e do Julio de Mattos, discutiam o caso da sua loucura, procurando converter os seus amigos, separando-os d'elle.

E não houve menino das medicinas que não dissertasse largamente á esquina, á mesa do café, sobre a *loucura lucida* do meu amigo.

Os perseguidores do meu amigo — eu tambem devo soffrer de delirio! — sabiam as pessoas que o visitavam (é

ainda official de policia o capitão Bruno do Carmo!) e junto d'estas a propaganda de difamação recrudescia.

Elle já deve a esta hora estar na sua cella no Hospital.

Mas não importa!

* * *

«Não se incommode V.

Esta rajada de desgraça que ha uns annos me vem derrubando, para que novamente me erga!, que n'um tragico arranco me despedaça um lar, me rouba o meu filho, e me traz, na agonia da minha dôr, aqui a esta cella...

(Espere um pouco que eu vou medir: — Tem a cella 5 passos de profundidade por 3 passos e meio de largo.

E seja-me permittida a imodestia de affirmar que, mesmo aqui n'esta cella, tenho uma certa largueza de vistas.).....

...«Foi na adversidade que firmei, n'uma persistencia que não cede, a minha vontade. Não tinha, porém, calma. Adquiri-a!

E encaro com serenidade os acontecimentos e as pessôas.

Sei bem, sinto-o, que n'esta lucta tenaz com o destino eu hei de vencer.

Hoje, amanhã, depois... não importa! Hei de vencer!

As minhas ambições audazes, arrojadas, hão de realisar-se e sob a minha vontade persistente, tenaz, os obstaculos cedem, e as vontades tibias e hesitantes dos outros, vergam. (1)

---

(1) Oh Mattos, oh tu Cebolinhas, oh deslavado Polido. Não será o Da Cunha Dias *megalomano?* Esqueceu-lhes esta!

V. hoje não é por mim, e não me zango, e não lhe levo a mal, — rio-me!

V. e um hesitante, e será comigo ámanhã! porque ámanhã eu vencerei!

V. meu muito querido Motta Veiga, é assaz prudente. Está bem!

Não se incommode V.» (1).

* * *

Elle deve estar já a esta hora sequestrado novamente na sua cella. Enleado nos seus escrupulos de homem digno, elle terá pudor de dizer *tudo!*

Mas elle ha de vencer!

E o grito da minha consciencia revoltada, ha de reboar no paiz inteiro.

Elle está na sua cella. Mas não importa!

1—XI—1916.

HENRIQUE PEREIRA RIBEIRO.

(1) Trecho de uma carta enviada ao Dr. Abel da Motta Veiga em 28—IX—1916, do H. Conde Ferreira.

EM QUE SE DIZ DAS RAZÕES PORQUE SE PUBLICA ESTE VOLUME.

Carta do Dr. Da Cunha Dias pedindo ainda para que não se divulgue o procedimento de seu pae.

Meu caro Henrique

Releio a tua carta e agradeço as tuas palavras, os teus desejos, e os teus votos pela minha rehabilitação.

Mas, amigo, não insistas, não faças o folheto.

As cartas que ahi tens, a maior parte d'ellas rascunhos que depois ao passar a limpo emendei, não têem valôr algum litterario. Documentam o soffrimento atroz que soffri e que o meu orgulho nunca consentiu se exteriorizasse, e nada mais.

Muitas d'essas cartas, que o teu coração amigo comprehende e escuta, são intraduziveis para a multidão dos que me não conhecem, e me são indifferentes ou me querem mal.

Além de que os meus — que o foram — não me importam. Que os julguem bem, que os julguem mal é para mim inteiramente indifferente. Não sinto, amigo, a tua colera fria contra *a perseguição infamissima*. Na vida de hoje, veloz, apressada, febril, tão pouco tempo ha para a paz, para a reflexão calma, que não vale a pena deixar que avolumem rancores e odios. E em mim não ha odio, mas magua. A magua, a sentida amargura que deve sentir o que nasceu coxo, deformado ao ver que os outros não o são. Sinto uma funda amargura por elles serem meus pa-

rentes e uma dolorosa agonia por os meus parentes serem elles.

Não publiques nada, Henrique: Ha uma justiça Divina que premeia o justo e pune o mau. Ha — não o duvides atheu — um Deus bom e misericordioso que não permitte na sua infinita misericordia que o meu Pequenino fique só, ao abandono, aos baldões da vaga incerta d'este tumultuoso mar da vida. Deixa-os, não publiques nada!

Amanhã seria censurado por consentir n'essa publicação. «Elle disse isto do pae.» «Elle escreveu aquillo ao pae.» O mundo, a opinião. — Tu o sabes, como eu o sei: — é assim!

Deixa-os: Talvez levem a melhor ainda d'esta, não levarão amanhã. Tenho fé. Creio em Deus que me dá uma inabalavel e decidida confiança em mim. Creio em Deus! E creio na energia do meu esforço, na minha constante persistencia, tenaz e decidida.

Hoje, amanhã, depois... hei de realizar as minhas ambições.

Não vale a pena encolerizar. Para quê?

Deixa-os: Tratemos sómente de alcançar, amigo, a minha liberdade de direito, hoje que se conseguiu a minha liberdade de facto.

Dize a tua mãe, peço-te, Henrique, que não esqueci ainda, e nunca esquecerei, os rapidos dias passados nos Andrinos, na quieta e mansa paz do seu lar. E beija-lhe as mãos por mim.

Um abraço amigo do

Teu

Da Cunha Dias.

Nazareth — 20-X-1916.

Carta de Alvaro Netto insistindo na publicação.

Lisboa, 14 de outubro de 1916.

Ao Dr. Henrique Pereira Ribeiro.

Meu Ex.mo Amigo.

Estou informado que não desarma a insidiosa maldade no caso do meu querido amigo Dr. Da Cunha Dias. Quasi diariamente sinto aqui os effeitos da campanha que pretendeu suffocal-o e que agora tem a louca pretensão tambem de me calar a mim. Só falta um Julio de Mattos a dizer que é mania de perseguição.

E' absolutamente indispensavel que se faça toda a luz e se publiquem as cartas litterariamente perfeitas que tem em seu poder e que, se não tivessem, como elle diz, valor litterario, tinham para mim um outro valor muito mais digno de ponderação, o da sinceridade.

Não foram escriptas para o publico e como o não foram, teem entre as suas palavras para a intimidade do meu coração, o valor de mostrarem que a *loucura perigosa* do Da Cunha Dias era e continúa sendo de uma lucidez admiravel. E não se prenda, meu presado amigo, com os «escrupulos cavalheirescos» do Da Cunha Dias nem deve attender ao que lhe pediu.

Elle por uzar e abuzar d'esses escrupulos é que tem sido villipendiado, tendo pouco quem lhe faça justiça quer no que respeita ao passado, quer ao presente.

E' absolutamente preciso que os seus amigos, n'esta cruzada nobre da sua libertação, não deixem prender o espirito em divagações escrupulosas que só podem prejudicar a causa que se tem em vista. Nada de uzar processos jesuiticos como os seus inimigos teem feito, mas tambem não atirar para secundario logar com a capital importancia que é mister dar aos mais pequenos nadas.

Por consequencia, meu amigo, publique, publique tudo. Elle na maioria dos casos julga todos os outros por si, depois... colhe em espinhos as folhas de rosa que atira a mãos cheias para atapetar o caminho das inimizades.

Quando foi da sua formatura, a interrupção que esta soffreu foi levada á conta de mais uma leviandade. Conheciam as causas? Não. Mas souberam fazer os commentarios. A campanha diffamatoria alastra, alastra sempre, e se nós formos a deixar-nos levar pelas affirmações d'elle quando diz que alguns dos documentos são pieguices, nada fazemos. Não tivesse elle a preoccupação de se fazer passar por um homem duro, quando afinal é um affectivo! Disfarça bem e só os muito intimos conhecem as suas sentimentalidades. Tem-me sido preciso muito de argucia para fazer a larga base que possuo das suas intimidades, embora entenda que não fica mal a ninguem ter coração.

Publique tudo, mas peço-lhe uma coisa, não lhe diga senão depois.

O meu amigo tem demais a mais em seu poder uma procuração e faz parte da defeza dos direitos d'elle o fazer constar ao paiz inteiro, á gente honesta, o crime de que foi victima. E' além d'isso essencial, porque não faz idéa, nem elle, do que se affirma e sempre se avoluma. Bem vê meu amigo que é a tal disparatada convenção de se acreditar que um medico subscrevendo uma quasi morte civil para um homem com as energias e faculdades do Da Cunha Dias, é porque o faz com a maior consciencia. Como se

fosse possivel em meia duzia de minutos formar-se um diagnostico positivo n'um caso de tamanha gravidade! Bem vê!

Depois a responsabilidade é minha. Elle que se zangue commigo por eu avocar todas as responsabilidades. Disse-o pessoalmente ao Dr. Adolpho Coutinho quando este teve a gentileza de me ouvir no seu cargo de Juiz de investigação criminal e só lamento que não o pudesse effectivar.

Espero pois, meu amigo, que fará o que lhe peço, podendo ter a certeza que me presta um grande favôr, porque tenho no esclarecimento d'este caso mysterioso, posto toda a minha energia e esforço.

Se precisar de quaesquer indicações mais que possa dar-lhe, peça, peça porque serei solícito no que souber.

Desmascarar villezas são actos de nobreza que ficam bem a toda a gente.

E um grande abraço do seu amigo

Alvaro Netto.

Em que se diz das razões que determinaram o auctor a publicar este volume.

E eu, **Leitor,** publico tudo o que á defesa do meu amigo importa por varias razões:

I

Porque é um crime consentir que um homem digno seja liquidado, a dentro da sua dignidade, pela baixeza dos outros.

II

Porque é um crime consentir que criminosos continuem a coberto de uma falsa capa de dignidade.

III

Porque é um crime contra a Sociedade permittir que um homem da envergadura moral do Da Cunha Dias e do seu valor intellectual seja liquidado.

IV

Porque é um crime consentir que o filho de um homem digno seja educado e viva na companhia dos infamadores de seu pae.

V

Porque o meu coração amigo sangra, e todos os amigos do Da Cunha Dias e todos os meus amigos (que com elle conviveram em Leiria) me censurariam asperamente se o não fizesse.

O que não seria de attender, se não fôsse minha obrigação cumprir, como julgo conveniente aos seus interesses e á sua dignidade, o mandato que me foi conferido:

Defendêl-o!

HENRIQUE PEREIRA RIBEIRO.

VIRTUTEM EX ME. FORTUNAM EX ALIIS.

EM QUE SE MOSTRAM ALGUMAS PROVAS DO DESEQUILIBRIO MORAL D'UM «LOUCO» E SE PUBLICA A CARTA EM QUE ELLE DÁ UM PROVEITOSO CONSELHO AO

DR. JOSÉ FERNANDES DE MAGALHÃES.

N. B. — Convém não confundir o illustre anonymo José de Magalhães, assistente da 6.ª enfermaria do H. Conde Ferreira (em ausencia do Prof. Magalhães Lemos), com o distincto Prof. da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto — José Alfredo de Magalhães.

Um é o Prof. José *Alfredo* Mendes de *Magalhães;*

o outro, aquelle a quem o Dr. Cunha Dias se dirige, é *José* Fernandes de *Magalhães*, um illustre anonymo.

O Prof. Alfredo de Magalhães é um homem superiormente intelligente. O tal Fernandes de Magalhães que procura estabelecer a confusão do seu nome com o d'aquelle distincto Professor, é, segundo a explicação do dr. Da Cunha Dias, «muito Fernandes, e pouco intelligente».

Como um LOUCO manifesta a mania da perseguição.

DUAS CARTAS E UM POSTAL

I — Uma carta.

Generoso desprezo

Ao Ex.mo Sr. Hermano Neves

Ex.mo Senhor

De regresso a Lisboa sou informado das referencias excessivamente amaveis que V. Ex.ª, de porta em porta, me fez em minha ausencia e da sua effectiva collaboração no meu sequestro.

Porém, apezar de tudo, porque V. Ex.ª só poderia pagar com os moveis de sua casa, em attenção a sua Ex.ma Esposa e minha prima Albertina (1) esquecerei o seu nome na acção de indemnisação de perdas e damnos que vou intentar contra quem de direito.

Favorecer-me-hia V. Ex.ª muito desinteressando-se das coisas e da pessoa do

DA CUNHA DIAS.

Lisboa, 23-X-1916.

---

(1) A Gentilissima Senhora D. Albertina Moreira Rato da Cunha, prima do Dr. Da Cunha Dias, e irmã de sua ex-mulher.

2 — Outra carta.

Ironia amavel . . . conhecimento das pessôas

Ao Ex.mo Sr. Dr. José Paes Laranjeira.

José

Tenho extranhado a tua ausencia entre as pessoas que me veem visitar ao governo civil.

Tenho extranhado!

Dizes ser meu amigo e como *amigo* procedeste durante longos annos de convivencia, e parece-me não ser este momento o mais airoso para desmentir a *correcção* do teu proceder.

Cumpre-te como *amigo* procurar-me e espero saibas cumprir o teu dever. (1)

Teu

DA CUNHA DIAS.

Lisboa (Governo Civil), 26-X-1916.

(1) Julgamos inutil accrescentar que o Dr. Paes Laranjeira não appareceu. Doutor: elle é louco, hein? Mas verifique mais uma vez que não é tolo e sabe com quem lida.

Este medico a quem o Dr Da Cunha Dias estava ligado por uma amizade de muitos annos, foi um dos que triumphante se regosijava por os taes dois *psichiatrasinhos* a quem atraz se faz referencias, não continuarem as suas visitas ao Governo Civil.

Como esta gente é!

Julgaram-no perdido, apesar de privarem com elle desconheciam-no, e ignoravam de que energias elle dispõe. E depois, dado o primeiro passo, feita a primeira affirmação, tiveram medo.

E o Da Cunha Dias não é muito grande! Pelo contrario, é homem de estatura meã.

3 — O postal.

(Sobre um postal réclamo do champagne *Rêve d'Amour*).

Ameaça... furiosa de um louco perigoso

Bilhete Postal

Não é
o mais barato
mas é
o melhor

Dêste lado a correspondencia

Tu quoque... oh bruto!

Olha, bebe *Rêve* que pega as orelhas ao corpo.

Acceita o conselho que é de graça.

Da Cunha Dias.

Endereço

Ex.mo Senhor

Dr. Pulido Valente

R. Tomaz Ribeiro, 58, 2.º

Lisboa

MAIS UM NOBRE...

MAIS UM VILLÃO

PREMIO AO JUSTO, PUNIÇÃO AO MALVADO

DUAS CARTAS DO DR. DA CUNHA DIAS

Carta ao Visconde da Barreira, Dr. João Carlos Marques da Silva da Costa Guerra, Delegado de saude do districto de Leiria.

Ex.^mo Sr. Visconde

De Lisbôa onde ha 5 dias cheguei, *livre*, envio-lhe, embora tardiamente, os meus agradecimentos pelas attenções dispensadas e pela nobreza do acolhimento com que eu, o louco, o perseguido, o fóra da lei, fui recebido nas suas salas. E eu era para o Visconde um simples cliente, e um desconhecido.

Para a minha *loucura* — talvez existisse! eu comprehendo — houve de começo, a sua piedade compadecida, que na sua exteriorisação correcta me não vexou; para a minha desgraça, primeiro entrevista, sentida depois, soube o Visconde ter, sem lamentações humilhantes para mim, o apoio caloroso das suas palavras e dos seus actos.

E não o esquecerei!

E pelas suas attenções, e pelo seu altivo desprendimento, não se preocupando servilmente com a opinião de

um idiota,—mas que tem um rotulo—pelas suas palavras, e pelo seu apoio desinteressado, permitta V. Ex.ª, Sr. Visconde, que se subscreva,—*et nunc et sem per.*

Seu servidor leal e agradecido o

DA CUNHA DIAS.

Lisboa—5-XI-1916.

Carta ao Dr. José Fernandes de Magalhães, Assistente da 6.ª enfermaria do H. Conde Ferreira.

Para o Dr. José Fernandes de Magalhães

Nem sei, Ex.mo Sr., se vale a pena escrever esta, e se este insignificante esforço de pegar na caneta, molhar a pena e dispôr o papel, é equivalente da sua mediocridade.

Eu já sabia que V. Ex.ª tinha a suprema felicidade de ser *tanço*, mas ignorava e verifiquei V. Ex.ª ser, tambem, *traste*.

V. Ex.ª não é malandro porque a malandrice exige um tudo-nada d'aquella esperteza de que o seu bestunto carece.

V. Ex.ª nem ao menos percebeu que de si eu arrancava tudo o que me era necessario arrancar. Tudo!

Queria lavar-me e convenci-o a tomar banhos; não que-

ria que aquella ociosidade me fizesse barriga, solicitei duche escossez e consegui; tinha que realizar o esforço excessivo — excessivo em funcção da minha ociosidade — da minha fuga e pedi, e V. Ex.ª receitou, Sulfato de strichinina, Cacodilato de sodio e Tintura de kola.

Ora, veja lá no receituario!

Queria saber o que V. Ex.ª pensava de mim, da minha terrivel loucura e escrevi ao meu amigo Alvaro Netto e foi-me enviada uma folha d'uma carta que eu lhe havia escripto e foi essa folha substituida. E depois o Alvaro Netto falou a um advogado e depois esse advogado com o nome no *bicho no ouvido* procurou um parente seu, um seu proximo parente de quem era (e espero continuar sendo) amigo. E esse parente escreveu a V. Ex.ª, e V. Ex.ª escreveu a esse parente. E o Alvaro Netto inquiriu da resposta e a resposta. segundo o tal meu collega dizia, ainda não tinha vindo. Comprehendeu?

Se calhar não percebe nada!

Depois tirei a prova do *Delirio* fingindo lêr-lhe, eu sabia-o de cór, um trecho de prosas sanguinarias. Lembra-se?

E no seu facies de saguim eu li então a sua alegria — a radiante alegria do primeiro macaco ao ter conseguido pela primeira vez, com a mão esquerda por detraz da nuca, coçar o lado direito da sua macacal cabeça.

— Cá está!

Depois tirei a prova da *fobia pelos medicos* n'aquelle dia em que no corredor, em frente da cella, pedi licença aos circumstantes, e, pelo braço, fingi pretender arrastal-o para o vão d'uma janella. Lembra-se?

N'esse dia V. Ex.ª recommendava, depois, ao enfermeiro com a mão no ar, a meia voz: — «Cuidado com elle!»

Percebeu? Entendeu?

Se calhar não percebe nada e tudo isto lhe parece uma grande trapalhada, porque V. Ex.ª ignora, talvez, que

tambem Deus — e é Deus! — escreve direito por linhas tortas.

V. Ex.ª leu o attestado do Julio de Mattos, e a isso se limitaram as suas observações.

O Julio de Mattos é outra especie de cretino. Esse é estupido, mas com esperteza para a vidinha. E' um rotulo muito reclamado escondendo uma mercadoria avariada.

Mas para V. Ex.ª o Julio de Mattos é uma sapiencia. Elle attestou, logo é certo.

E V. Ex.ª sentou-se!

E eu deixei-o ficar sentado.

Sempre que o topava inquiria sómente quando voltaria o professor Magalhães Lemos.

O regresso estava demorado, e então, dicidi a fuga.

O enfermeiro Matheus guardou, contra o costume, as chaves da porta para o jardim (é como V. Ex.ª alambicadamente lhe chama!) e, por esse motivo, apressei de umas horas a fuga marcada para a meia noite.

Havia sido denunciado! Percebeu?

Se calhar não entende nada...

Mas, dizia ha pouco, V. Ex.ª além de *tanço* é *traste*.

V. Ex.ª é *traste* porque não teve uma hesitação em, na carta que enviou ao tal seu proximo parente, afirmar — e ainda não é publica e notoria a sua tancice! — a minha incuravel loucura.

V. Ex.ª é *traste* porque não teve pejo em telephonar para o Governo Civil de Lisboa, pedindo a captura de um louco «*perigosissimo*», e telegraphou para o M.mo Juiz de investigação criminal — «*perigosissimo*».

«Perigosissimo» porquê? Quaes os simptomas? Em que baseava V. Ex.ª essa affirmação?

Durante vinte dias em Leiria ninguem receiou os meus «*delirios perigosos*», e no Governo Civil de Lisboa ninguem temeu o meu «*perigosismo*». Ninguem!

E ahi no Conde Ferreira que simptomas, que manifestações, em que baseia V. Ex.ª essa affirmação?

Deve ser o *faro* clinico — V. Ex.ª cheirou!

Mas V. Ex.ª é ainda *traste* porque emquanto eu estive esperando o Dr. Pereira Osorio no Governo Civil entraram tres sugeitinhos, para me verem, que um quarto d'hora depois de eu sahir não sabiam o meu paradeiro.

E V. Ex.ª muito *traste* é, porque me forçou a mentir ao Dr. Pereira Osorio affirmando-lhe partir no dia seguinte quando, depois da entrada dos taes sujeitos, havia resolvido deixar o Porto n'aquella noite.

E ainda é *traste* porque me forçou a não ir cumprimentar o Prof. Magalhães Lemos e desejava muito conhecel-o por além de um homem superior, ser, segundo me affirmam, um velho adoravel.

E queria agradecer-lhe a correcção d'elle escrevendo na convalescença de uma doença grave, a todos os meus amigos que lhe perguntavam novas minhas; em contraste com a intellectual e scientifica reserva que V. Ex.ª, na couraça da sua tancice, manteve sempre.

A vida d'um homem — porque, fique-o sabendo, eu não sou tanço! — o seu nome, o seu futuro que lhe importa!

E, n'esta gracinha de brincar aos malucos, eu não endoideci, porque não sou de qualidade de endoidecer, porque eu, sou Eu.

O seu espirito superior, arredado dos mesquinhos interesses terrenos, paira na esfera distante das summas conclusões.

A vida d'um homem...

Emfim, V. Ex.ª é *traste* e é *tanço* por aquella ultima e suprema rasão de todas as coisas: — E', porque é!

E ninguem tem nada com isso.

Mas se quizer — dava-me tanto prazer! — offenda-se com o que lhe escrevo.

Se V. Ex.ª se offendesse...

Mas não lhe quero mal. Tenho ambições, e quem, como eu, tem ambições anda para diante e não se preocupa com o que lhe fica atraz.

Depois do que se passou V. Ex.ª fica o que era — Tanço! — e eu sigo o meu caminho na vida.

E porque não lhe quero mal e V. Ex.ª é, ou pretende, ou presume ser um homem de Sala dou-lhe um conselho que pode ser-lhe util.

Aproveite! Deixe-se de alienismos e de clinicas que lhe fazem mal á cabeça e lhe podem trazer graves dissabores.

Não clinique, não medique — Valse!

Lisboa, 5-IX-1916.

DA CUNHA DIAS.

VIRTUTEM EX ME. FORTUNAM EX ALIIS.

EPILOGO EM QUE SE CONTA DE UMA MANEIRA BREVE COMO, APEZAR DOS SEUS INIMIGOS AINDA PRETENDEREM SEQUESTRA-LO, O DR. DA CUNHA DIAS CONSEGUIU A LIBERDADE.

CARTA DE LISBOA

(Publicada no n.º 566 do jornal *Leiria Illustrada*).

Na despedida do dr. Alberto da Cunha Dias

Partiu ha pouco o rapido para o Porto. A estes minutos que me separam do instante que a ultima carruagem se sumiu na bocca escancarada do tunel, envolta numa onda de fumo muito escuro, já elle irá soltando penachos de fumo branco, cortando a viração fresca d'esta primeira manhã de Novembro, galgando distancias na sua velocidade maxima, encurtando a que o separa da cidade invicta. N'uma das suas carruagens anonymamente vae deixando recostar a cabeça cançada pelas lutas d'estes ultimos dias, o «meu irmão Alberto», emquanto eu corro aqui a deixar estas notas simples no pedaço de papel em que escrevo deixando tambem que a angustia do meu coração amigo colha n'este desabafo algum lenitivio.

É o ultimo acto do grande drama que ha um mez — pois faz hoje precisamente um mez que elle fugiu do manicomio portuense — se desenrola aqui e tem destruido fibra a fibra todas as energias de que me julguei possuidor.

É uma hora incerta esta! Se por um lado uma calma cheia de logica me fala aos ouvidos, por outro, as consequencias d'esta lucta tenaz contra um inimigo rancoroso e mau, patife e velhaco, deixam-me aniquilado e fazem com que trema muito o ponto fixo que procuro atingir porque bem o preciso.

Na despedida, com um mixto de confiança e receio, o grupo de amigos que o tem acompanhado foi tambem dar-lhe um abraço.

E elle, o *louco lucido*, que vae ser entregue ás auctoridades do Porto, as mesmas que passaram o mandato da captura que n'estes 30 dias paira sobre a sua cabeça... partiu.

Partiu, o grande amigo, não deixando que uma só fibra desse organismo de assombrosa resistencia, tremesse.

Os que ficaram, os que cheios de revolta e dôr teem assistido á mais cobarde vilania de um pae, sentem a sua fé tremer olhando a interrogativa do que vae succeder.

Elle não! Elle, o atingido, dá na sua admiravel serenidade a eloquente indicação do que vale e do que é preciso fazer para vencer. E se eu tenho fé em que vença, tenho medo, muito medo, que o esmaguem antes que o preciso tempo passe, para a victoria final.

Toda a noite me correu n'um chocante can-can de mudas considerações, bailando constantemente aquella cella acanhada e horrível do manicomio.

Toda a noite!

No entanto elle, o *louco lucido*, o perigoso doente, aquelle que o pae quiz assassinar em vida e aponta como provavel causador de seis mortes, logo que a liberdade lhe fosse dada, dormia tranquillamente esse mesmo tempo!

O *louco lucido* que ha muito tempo recebe nos gabinetes do M.mo Juiz de Investigação Criminal as maiores provas de deferencia, tendo a maxima liberdade que poderia ter aproveitado para fugir uma, dez, cem vezes, vae tranquillamente vendo correr as campinas amarellecidas do Tejo, acompanhado do guarda que lhe dá tambem a mais ampla liberdade, a caminho do Porto, aonde o espera a libertação, ou, se a infamia d'um pae não desarma, um duro, feroz, quasi cannibalesco internamento.

N'esta hora amarissima, devo confessal-o: sinto-me esgotado!

As torturas moraes porque tenho passado á medida que vou conhecendo o tenebroso drama d'esse pobre rapaz, d'essa bellissima alma, nas partes que me eram ainda desconhecidas; os trabalhos, as canceiras physicas tambem, os desencontros de mil e um pensamentos, deixaram-me aniquilado.

E ao ver-me assim, eu que fico, ólho como que assombrado para a energia, para a presença de espirito, para a calma que «o meu irmão Alberto» empresta a tudo e a todos.

E fico-me a pensar que, se de facto alguma coisa de divino existe a regular o mundo em que vivemos e a castigar os crimes que se praticam, sem ser o que a justiça dos homens mal ou bem applica, deve ser tenebroso o remorso que n'esta hora começa entrando na consciencia — se a tem — do que é indigno de ser seu pae, que todo este drama architectou e fez representar.

1 de novembro de 1916.

OLIVIER.

Transcrevemos esta chronica do *Leiria Illustrada*, uma das mais brilhantes da longa série das Cartas de Lisboa, de Alvaro Netto.

SOBRE CINCO TELEGRAMMAS

ENVIADOS DO PORTO EM 1 DE NOVEMBRO

1.º—*Dr. Antonio José d'Almeida*

Presidente de Ministerio — Lisboa

Agradece valioso auxilio restituição liberdade.

DA CUNHA DIAS.

2.º—*Dr. Adolpho Coutinho*

Juiz d'Investigação Criminal — Lisboa

Livre mais uma vez agradece correcção e imparcial attitude.

DA CUNHA DIAS.

3.º—*Dr. Clemente Gomes — Govêrno Civil — Lisboa*

Agradece sua correcção e recto proceder o hoje livre.

DA CUNHA DIAS.

4.º—*Francisco Silva Passos*

Livre envia agradecido abraço em que vae todo reconhecimento teu amigo

DA CUNHA DIAS.

5.º — *Dr. Henrique Ribeiro — Leiria*

Livre. Abraço. Dize tua filhinha breve enviarei prometida boneca, cumprimentos tua mãe.

Da Cunha Dias.

Mas no Governo Civil do Porto, na sala de espera, emquanto o Da Cunha Dias aguardava a chegada do Dr. Pereira Osorio, entraram tres empregados do Conde Ferreira que o meu amigo não conhecia e o não conheciam afim de o fixarem. O Dr. Pereira Osorio restituiu o meu amigo á liberdade.

Esses empregados pretenderam segui-lo, porêm o Da Cunha Dias, uma vez livre, n'uma rapida volta de automovel desnorteou-os, de fórma que quando elles á noite foram ao restaurante á sua procura, onde o meu amigo havia á pressa tomado uma rapida refeição, já o comboio silvava trazendo-o para Lisboa.

O Da Cunha Dias, que é além de muito intelligente, prespicaz, e arguto, logo que os homens entraram desconfiou. E ao Dr. Pereira Osorio, para o sondar, mostrou desejos de procurar o tal *sabio* José Fernandes de Magalhães. E a attitude tomada pelo Dr. Pereira Osorio, governador civil do Porto, foi o bastante para elle avançar audazmente que se iria para Lisboa no dia seguinte, tendo firmado a resolução de partir n'aquella noite e de em automovel alcançar Espinho, onde embarcou.

O tal Magalhães é o mesmo *Sabio* que pretendeu fazer frente ao Da Cunha Dias na noite da sua fuga mandando

guardar as sahidas da cidade por empregados do Conde Ferreira armados de *cacete!*

E as auctoridades do meu Paiz consentem nisto?

E o Dr. Pereira Osorio, governador civil do Porto, que tem um passado de serviços prestados á causa da Republica, de quem estou a recordar as palavras de firmeza, de uma grande independencia moral, proferidas em Coimbra no Theatro Circo — lembra-se o Dr. Pereira Osorio? — consente nisto?

E o que é mais! consente permittindo a entrada dos taes cavalheiros que se possa suppôr que é cumplice d'uma tão edificante infamia!

Então a policia é feita pelo primeiro empregadote que um patiforio indica?

E o Prof. Magalhães Lemos que, assim me informam, já tomou conta do seu cargo de Director do H. Conde Ferreira, consente tambem n'esta infamia permittindo que os tres empregados quizessem á noite sequestrar mais uma vez o Dr. Da Cunha Dias?

Leitor, será o fim! Eu estou doido, leitor? Tu estás louco, leitor?

Não ha homens dignos no meu Paiz?

Foi á noite, na noite de 31 do findo outubro, que o Da Cunha soube que na manhã seguinte devia tomar, ás 8,30 da manhã, o caminho do Porto.

Seria o cumprimento de uma formalidade legal?

Seria mais uma armadilha?

O Dr. Antonio José d'Almeida, por intermedio do seu secretario F. da Silva Passos, communicou ao Da Cunha Dias que estivesse tranquillo.

Porém emquanto a pobre mãe anciosa pedia ao filho que fugisse — «Foge para Hespanha, meu Alberto, e eu

vou ter comtigo», — no gabinete do official de serviço, na policia, o sr. Padinha Dias, alta noite, conferenciava com aquelle official.

Era o official de serviço o capitão Bruno do Carmo. No dia 8 de agosto, dia da prisão do Da Cunha Dias, era o official de serviço o capitão Bruno do Carmo.

Mera coincidencia, certamente!

Homens de bem do meu paiz, cautela!

Estão a saque os nossos direitos, a nossa liberdade, a nossa reputação!

Basta que nos termos do D. de 11 de maio de 1911 um parente *honesto* requeira o nosso internamento n'um manicomio, e dois medicos *escrupulosos* nos declarem doidos.

Homens de bem do meu paiz, no seculo XX, é demais!

Leiria, 5 de novembro de 1916.

HENRIQUE PEREIRA RIBEIRO.

Hoje 9 faço a revisão das provas d'este capitulo.

Ha a accrescentar que uns sujeitos a soldo não sei de quem (o leitor não terá certamente a minha hesitação!) procuram provocar o Da Cunha Dias afim de o levar a uma reacção energica e violenta.

Depois, naturalmente, qualquer Cebolinhas, attestaria haver sido a primeira furia.

Ha uma coisa que se não compra, senhores da compra e venda: — «A minha dignidade!»

Não desarmam os cavalheiros!

Mas quebram-se-lhes os dentes...

HENRIQUE RIBEIRO.

Res non verba.

DOCUMENTOS, NOTAS E COMMENTARIOS.

POR ALVARO NETTO

Quem é o Dr. Da Cunha Dias, segundo a insuspeita opinião dos seus inimigos.

I

DOIS TRECHOS

Do artigo *Magos, bruxas e nigromantes*, de Hermano Neves, publicado na 1.ª pagina da *Capital*, de 9 de agosto do corrente anno:

«O meu amigo X. — meu amigo, quasi um irmão — foi hontem internado n'uma casa de doidos. Mais do que um leitor o conheceu decerto. Era excepcionalmente vivo, profundamente perspicaz, raramente culto para os seus trinta annos. Dotado de prodigiosa actividade, o espirito do meu amigo X., buscava anciosamente erguer uma obra digna das suas incommensuraveis aspirações; tentava coisas grandes, porque só grandes as concebia, e como a natureza lhe insuflara um sopro demosthenico, imprimia sempre ás suas palavras um cunho de convicção que impressionava todos. Tornara-se proverbial, entre a roda dos amigos com quem privava, a sua rara facilidade de palavra. Finissimo argumentador, audacioso no ataque, prompto na replica, exaggerado por vezes nos sentimentos, mas sempre generoso, com uma rigida noção da honra e do dever, incapaz de uma baixeza, de uma indignidade, de um desfallecimento de caracter.

Trabalhador, luctou. A sua marcha, atravez da existencia, tem por vezes o aspecto d'essas epopeias ignoradas em que se resiste aos longos dias sem pão e sem amigos, na esperança de um triumpho que não chega nunca. Depois, aplacadas as primeiras tempestades da adolescencia, installou-se na vida e constituiu um lar. Casou, e a que é hoje mãe dos seus dois filhos — dois pequeninos e adoraveis poemas de amor e de ternura — foi para elle o modelo das esposas, a compa-

nheira ideal de todas as horas, a garantia da paz domestica e o anciado motivo do seu esforço.»

. . . . . .

«O meu amigo X. acaba de passar a sua primeira noite na Casa da Loucura. Estive lá, esta manhã, com o mesmo espirito de piedade de quem vae a um cemiterio espargir flôres sobre uma sepultura amiga. Não pude vêl-o, e, embora me deixassem, faltar-me-hia coragem para com elle me defrontar sem lagrimas. Essa brilhante intelligencia, esse espirito desassombrado e leal, esse pobre e desventurado amigo não passa hoje de um cadaver com vida, de um triste cerebro queimado por tragicas obcessões, de um morto que caminha e para quem não suou ainda a hora abençoada de repousar sob umas pás de terra.

Olho para os seus filhinhos que a fatalidade lançou na mais horrivel e tenebrosa das orphandades, contemplo a dolorida esposa, a quem o soffrimento deu uma aureola de santa, e ao mesmo tempo sinto anuvearem-se-me os olhos de commoção e de dôr.»

* * *

Esteve lá, mas não o foi vêr. Mas soube, fazendo-se acompanhar da mulher, para cohonestar a sua presença, pretender que em seu nome um frade arrancasse ao louco uma procuração.

Mas não conseguiu. O louco estava... *louco de mais!*

Quanto elle soffreu! E a esposa martyr e santa!

Foi bem urdida a *santeza* da menina, e bem propagada a lenda da loucura do Da Cunha Dias.

Muito bem, sem favor!

É aquelle velho systema: — F. é uma joia, uma intelligencia, um caracter, um bom rapaz... mas roubou-me uma carteira.

Reconhece ao Da Cunha Dias as suas brilhantes qualidades, o seu caracter de uma inteireza cavalheiresca, a sua

correcção polida e fria. Reconhece ao Da Cunha Dias todas as suas qualidades, com espirito imparcial, para depois se crêr na sua sinceridade ao affirmar a loucura.

E depois o mysterio...

—Sabes quem é o *X*?

—É o Da Cunha Dias!

E de bocca em bocca, baixo, segredado a um ouvido, dito sob reserva á meza do café, propalado pelo sr. Antonio Padinha Dias (seu ex-pae), vestido de luto, com lagrimas na voz, difundiu-se, alastrou.

Se até eu de começo acreditei!

Se a infamia foi tão grande que a vista não a alcança toda inteira de um golpe!

Se para enlouquecer basta ter juizo!

* * *

Mas depois... Elle foi internado em 8, á tarde, e em 9 (ainda o Cebolinhas não o tinha observado), á tarde (a *Capital* é um jornal da noite, o artigo foi, por consequencia, escripto á tarde), já o Sr. Hermano Neves sabia que a loucura do Da Cunha Dias era incuravel.

Os filhos estavam orphãos! E dias depois o pae desmanchava-lhe a casa e apropriava-se do que ao d'antes filho pertencia.

A noticia alastrou, propositadamente divulgada, e o artigo fez sensação.

Mas depois...

Vem uma primeira carta do louco (elle fôra prohibido de escrever, e os seus amigos não o podiam visitar), passada com astucia, e outra depois.

E então... Porto, mais longe.

Mas antes que os medicos observassem o doente, o sr. Hermano Neves já sabia que a loucura era *incuravel!*

E «anuvearam-se-lhe os olhos».

Quanto lhe pagaria o sogro... pelas lagrimas?

II

DEPOIMENTOS

OS ATTESTADOS MEDICOS [1]

1.º — João Carlos Marques da Silva Costa Guerra, medico em Leiria e *delegado de saude:*

Attesto que tendo sido procurado pelo Ex.mo Sr. Dr. Alberto da Cunha Dias, casado, advogado, morador em Cintra e accidentalmente de passagem em Leiria, e que me foi apresentado por pessoa de toda a minha consideração, sollicitou a minha observação medica sobre o estado das suas faculdades mentaes, por necessitar de documento comprovativo d'esse estado.

Tendo eu procedido durante alguns dias a um exame tão rigoroso quanto me foi possivel, em conversações, discussão de questões variadas, provocando respostas de que poderiam resultar contradicções ou perturbações da sua intelligencia ou senso moral, etc., etc., encontrei sempre toda a lucidez, memoria fiel e equilibrio mental e moral, não se re-

---

(1) O Dr. Da Cunha Dias tem hoje vinte e tres attestados medicos, que se não publicam sequer os nomes que os firmam, por varias razões que o leitor comprehende. Lá iremos! *De vagar se vae ao longe...*

velando á minha observação facto algum, que me podesse pôr em duvida, sobre o bom estado das suas faculdades mentaes.

Em resultado da minha observação e por me ser pedido, assim o attesto e juro pela minha honra. —Leiria, dezesete de outubro de mil novecentos e dezeseis.

(a) João Carlos Marques da Silva Costa Guerra.

(Assignatura reconhecida pelo notario de Leiria, H. P. Ribeiro, e esta pelo de Lisboa, Noronha Galvão).

* * *

2.º — O abaixo assignado, *sub-delegado de saude*, de Leiria, attesta os seguintes factos que passa a expôr:

Na primeira quinzena do corrente mez de outubro foi-lhe apresentado por um cavalheiro das suas relações e de toda a respeitabilidade o Sr. Dr. Alberto da Cunha Dias, advogado na comarca de Cintra, que vinha pedir-lhe a sua opinião sobre o seu estado mental e respectivo attestado medico.

No cumprimento dos seus deveres profissionaes, solicitou d'este cavalheiro o favor de repetir as observações, visto lhe não ser possivel firmar o seu juizo pelas primeiras impressões.

Póde hoje attestar, depois dos varios exames a que o submetteu, sustentando com o referido advogado algumas discussões, durante as quaes lhe apresentou questões que poderiam desnortear um espirito menos bem equilibrado, que o examinado é uma creatura muito intelligente, brilhante na lucida expo-

sição do seu impecavel raciocinio e possuidor de um largo cabedal de conhecimentos que o tornam uma creatura deveras interessante. Em vista de que nenhuma duvida tem em attestar pela sua honra, que o mesmo advogado Dr. Alberto da Cunha Dias, se encontra pelo menos á data das suas observações no pleno uso das suas faculdades mentaes.

E por ser verdade e lhe ser pedido passa o presente que assigna. — Leiria, dezoito de outubro de mil novecentos e dezesseis.

(a) Antonio Julio Telles de Sampaio Rio.

(Assignatura reconhecida pelo notario de Leiria, Henrique Pereira Ribeiro, e de Lisboa, Evaristo de Carvalho).

PROCESSOS E PROCESSOS

III

UMA AMOSTRA

No jornal *O Mundo*, de quinta-feira 26 de outubro, publicava-se a seguinte noticia na 2.ª pagina:

UM LOUCO

Encontra-se no governo civil o advogado Cunha Dias, filho do escrivão de direito de Sintra, que ha tempo, estando internado no hospital do Conde de Ferreira, por uma doença que os medicos especialistas classificaram de *loucura lucida*, conseguiu de ali evadir-se, com o auxilio de algumas pessoas, vindo com estas para Lisboa. Vai ser novamente internado.

Quem foi o auctor da noticia?